

**A CONSTRUÇÃO
SÓCIO-HISTÓRICA DA
SANTIDADE: O QUE OS RELATOS
BIOGRÁFICOS PODEM NOS
ENSINAR?**

**THE SOCIO-HISTORIC CONSTRUCTION OF
HOLINESS: WHAT CAN BIOGRAPHICAL STORY
TEACH US?**

Elton Roney da Silva Carvalho¹

¹Mestre em Ciências da Religiões (UFPB). Professor de História, Teologia e Ciências das Religiões no Estado da Paraíba e na Faculdade Internacional Cidade Viva (eltonsilvacarvalho@hotmail.com)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o conceito de santidade, especificamente sua construção sócio-histórica. Para isso, defende que é necessária uma análise de relatos biográficos que possam contribuir para o estudo de entendimento do conceito. O estudo biográfico se torna essencial, pois, o conceito de santidade varia na história e sua interpretação tem sido diversa em vários contextos históricos. A própria interpretação deste conceito tem sido dada por diversos autores e por pessoas que tiveram uma prática social santa, que pode contribuir para a abrangência do tema. A pesquisa teve como metodologia a análise de textos, basicamente. O uso da Teologia Sistemática e de textos específicos das Sagradas Escrituras e produções da História do Pensamento Cristão também foram essenciais, uma vez que se debate a dogmática da fé acerca da santidade. As biografias, neste caso, entram como exemplos pedagógicos essenciais para a boa compreensão do conceito de santidade. Abordou-se, também, um breve conceito da ciência histórica, uma vez que surge a necessidade de estabelecer um conceito claro de análise da história e de sujeitos históricos específicos.

PALAVRAS-CHAVE

Santidade; estudo biográfico; história.

ABSTRACT

This article aims to analyze the concept of holiness, specifically its socio-historical construction. For this, he argues that it is necessary to analyze biographical reports that can contribute to the study of understanding the concept. The biographical study becomes essential, because the concept of holiness varies in

history and its interpretation has been diverse in several historical contexts. The very interpretation of this concept has been given by several authors and by people who had a holy social practice, which can contribute to the scope of the theme. The research had as methodology the analysis of texts, basically. The use of Systematic Theology and specific texts from the Sacred Scriptures and productions of the History of Christian Thought were also essential, since the dogmatics of faith about holiness are debated. In this case, biographies are essential pedagogical examples for a good understanding of the concept of sanctity. A brief concept of historical science was also approached, since there is a need to establish a clear concept of analysis of history and specific historical subjects.

KEYWORDS

Holiness; biographical study;

1. INTRODUÇÃO: CONCEITUANDO O ESTUDO

Iniciamos este artigo afirmando que é fundamental estudarmos a história para promovermos mudanças importantes na sociedade. O estudo da História como ciência concede a possibilidade de compreensão do mundo, da identidade, dos processos sociais e, portanto, do entendimento da sociedade. Esse estudo é análise da relação do passado com o presente, uma vez que a historiografia atual esclarece que o estudo da História não é apenas uma revisão do passado, mas, uma promoção de relação temporal entre as diversas temporalidades, ou seja, *passado-presente-futuro*, como nos esclarece o historiador alemão Reinhart Koselleck (2006) que, contribuiu com os conceitos de

“espaços de experiência” e “horizontes de expectativa”. O que compreendemos dessa relação entre passado, presente e futuro é a própria relação temporal de reciprocidade entre ambos os recortes, gerando uma interpretação própria de sentido e, portanto, o conhecimento do tempo histórico.

Quando o historiador mergulha no passado, ultrapassando suas próprias vivências e recordações, conduzido por perguntas, mas também por desejos e inquietudes, ele se confronta primeiramente com vestígios que se conservaram até hoje, e que em maior ou menor número chegaram até nós. Ao transformar esses vestígios em fontes que dão testemunho da história que deseja apreender, o historiador sempre se movimenta em dois planos. Ou ele analisa fatos que já foram anteriormente articulados na linguagem ou então, com a ajuda de hipóteses e métodos, reconstrói fatos que ainda não chegaram a ser articulados, mas que ele revela a partir desses vestígios. No primeiro caso, os conceitos tradicionais da linguagem das fontes servem-lhe de acesso heurístico para compreender a realidade passada. No segundo, o historiador serve-se de conceitos formados e definidos posteriormente, isto é, de categorias científicas que são empregadas sem que sua existência nas fontes possa ser provada. (KOSELLECK, 2006, p.305)

Assim sendo, a construção do entendimento social no qual vivemos perpassa pela análise criteriosa da História, especificamente do que compreendemos como Tempo Histórico, e das variações que ele produz, ou seja, a linguagem, os significados, os comportamentos e as demandas sociais. É neste cenário de análise historiográfica que devemos inserir nosso estudo de santidade e de relevância de biografias de líderes públicos.

1.1 UM BREVE INTRODUÇÃO SOBRE O CONCEITO DA HISTÓRIA

Não podemos desenvolver o estudo de como os relatos biográficos e a sua relação com o conceito de santidade em um contexto histórico sem definir o próprio conceito da História e promover este estudo em um determinado processo histórico. É necessário definir minimamente o conceito de História, o que ela deseja buscar – a “verdade”? – e destacar qual o período de análise historiográfica do conceito de santidade. O que se busca fazer aqui é um recorte mais bem preciso dos conceitos e analisar a santidade dentro deste momento histórico específico. Analisar o conceito de História nos faz entender que o conceito de santidade tem uma grande variação na história, pois o significado varia em cada contexto histórico, uma vez que o tempo histórico é promotor de interpretações diversas ao longo da construção da cultura, do significado e da própria relação de entendimento dos Homens com a Revelação Divina, seja essa nas Escrituras Sagradas ou no crescimento das doutrinas teológicas ao longo dos séculos.

É notório que estamos desenvolvendo aqui uma análise prévia, introdutória, sobre o conceito de História, sendo essa definição amplamente difundida pelos historiadores profissionais desde meados do século XX. Inclusive com diversas problematizações acerca da metodologia, das fontes e da pesquisa histórica em si. Entretanto, aqui, destacamos que “A história é o que fazem os historiadores”, texto de Antoine Prost, no livro *Doze lições sobre a História*.

Em vez de uma essência eterna, de uma ideia platônica, a disciplina história é uma realidade, em si mesma, histórica, ou seja, situada no tempo e no espaço, assumida por homens que se dizem historiadores e que são reconhecidos como tais, além de ser aceita como história por diversos públicos. Em vez que uma história sub specie aeternitatis, [“sob a forma de eternidade”; grifo nosso], cujas características tivessem atravessado, sem qualquer alteração, as vicissitudes do tempo, existem diferentes produções que os contemporâneos de determinada época estão de acordo em considerar como história; ou seja, antes de ser uma disciplina científica – segundo sua pretensão e, até certo ponto, conforme ela o é efetivamente –, a história é uma prática social. (PROST, 1933, p. 13, grifo nosso)

Neste primeiro entendimento conceitual, a história seria classificada como prática social, ou seja, comportamento, posicionamento, compromisso e atuação social. A história é aquilo que se produz em seu tempo, são as reflexões, os posicionamentos, as afirmações, a “mentalidade”, para citar Le Goff ², e as atividades intelectuais e científicas destes aspectos. Fica ainda mais claro a necessidade de averiguar melhor a prática historiográfica antes de analisarmos o que seria a prática da santidade. Se a História é prática social e a santidade é uma atuação, um comportamento, e até mesmo uma cosmovisão de vida em uma atitude de existência, é relevante destacarmos a análise desta prática como uma *prática social santa* – como veremos a seguir.

Não apenas este aspecto de prática é importante para a definição de um conceito de história, o historiador Antoine Prost segue sua argumentação com a afirmação da prática do historiador como científica, mesmo que respondendo a uma demanda social, e da prática da história como fundamental para o processo de conhecimento da identidade, feito isso mediante o ensino da história.

Eis por que os textos historiográficos dos historiadores estão relacionados com uma história indissociavelmente social e cultural. A opinião dos historiadores de determinada época ou escola sobre sua disciplina é suscetível de uma dupla leitura: a primeira, ao pé da letra,

² LE GOFF, J. *História das mentalidades, uma história ambígua*. In: LE GOFF, J. et. NORA, P. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

empenha-se na concepção da história definida por seus textos; e a outra, mais distanciada, atenta ao contexto da história, decifra sua exposição metodológica ao identificar múltiplas implicações desses documentos.

Assim, os historiadores que escrevem sobre a história – e, neste aspecto, não estamos fora do destino comum – estariam condenados a situar-se em relação a seus predecessores e seus contemporâneos da mesma disciplina, mas também em relação às corporações científicas semelhantes, com as quais a história mantém uma inevitável competição pelo controle de um campo simultaneamente científico e social. Além disso, eles devem levar em consideração a sociedade em seu conjunto e em seus segmentos que, afinal, são os destinatários de seu trabalho e para quem essa história tem ou não, sentido. Como a história é, antes de ser uma prática científica, uma prática social ou, mais exatamente, como seu objetivo científico é, também, uma forma de tomar posição e adquirir sentido em determinada sociedade, a epistemologia da história é, por sua vez, em parte, uma história [...]. (PROST, 1933, pp. 14).

Ainda na questão do entendimento da História e de seu estudo, definimos que ela deve se ater ao que importa, ou seja, aos *factos*. É sabido que a história deve priorizar o que deve ser

investigado, buscado, apurado e produzido como prioridade. Sobre isso, Emília Viotti da Costa, no artigo *“O que é a História” – considerações a propósito de uma obra de E. H. Carr*, adverte:

Poucos são aqueles, entretanto, que chegam a sistematizar os seus problemas e suas respostas. Ninguém negará valor a essas tomadas de consciência por parte do historiador, principalmente quando se trata de um grande historiador. Elas são tanto mais fecundas quanto resultam de uma reflexão alicerçada numa sólida experiência e não são meras especulações de teóricos ou metodólogos profissionais. Tal é o caso de historiadores como Burckhardt, Ranke, Ch. Langlois e Ch. Seignobos, Croce, Marc Bloch, para citarmos ao acaso. Cada um à sua maneira, procurou resolver suas perplexidades, perplexidades que eram as de muitos. (COSTA, 1961).

Desta forma parece essencial a seleção de fatos pela própria percepção, pela própria experiência do historiador frente aos problemas e as questões sociais que se levantam em seu contexto, sendo fundamental esta análise. As questões surgem, justamente, de sua biografia e das biografias de grandes líderes que viveram antes deles. A seleção dos fatos e dos objetos é essencial para um bom trabalho sobre a santidade. Essa história preocupava com novos objetivos, com novos problemas, novas

fontes e novos métodos é o que seria chamada, uma “nova história”. Mas, o que seria esta nova história?

Essa expressão é, na verdade, o título de uma coleção de ensaios, que foi editada por Jacques Le Goff, promovendo uma percepção de “novos problemas”, “novas abordagens” e “novos objetos”. É uma história associada à conhecida “Escola dos Annales”, a *Annales: économies, sociétés, civilisations*. Uma nova história que é contrária a um processo anterior de produção historiográfica. Essa nova história, segundo Peter Burke, no livro *A escrita da história*, é melhor definida pelo que não é. Vejamos,

A nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o ‘paradigma’ tradicional, aquele termo útil, embora impreciso, posto em circulação pelo historiador de ciência americano Thomas Kuhn. Será conveniente descrever este paradigma tradicional como “história rankeana”, conforme o grande historiador alemão Leopold von Ranke (1795-1886), embora este estivesse mesmo limitado por ele que seus seguidores. (Assim como Marx não era um marxista, Ranke não era rankeano.). Poderíamos chamar também este paradigma de a visão do senso comum da história, não para enaltecê-lo, mas para assinalar que ele tem sido, com frequência – com muita frequência – considerado a maneira de se fazer história, ao invés de percebido como uma dentre

várias abordagens possíveis do passado. (BURKE, 1992, p. 9-10).

Atualmente esta nova história ganha espaço e é ela que responde a pergunta pertinente: “Por que devo estudar história?”. Ou a seguinte: “Como ela pode me ajudar?”. Ou, ainda outra: “Como os relatos biográficos podem nos ajudar em uma pesquisa histórica e conceitual?”. Evidente que é essa pergunta que nos interessa, ou seja, como as biografias históricas podem nos ajudar a compreender o conceito de santidade e a relevância histórica ao qual nos propomos.

2. ESTUDAR BIOGRAFIAS HISTÓRICAS PARA COMPREENSÃO DA SANTIDADE: UMA PEDAGOGIA DO EXEMPLO E A “PRÁTICA SOCIAL SANTA”

2. 1 ESTUDOS BIOGRÁFICOS COMO GÊNERO EXEMPLAR

Estamos esclarecendo que é fundamental a análise da santidade em um contexto histórico, para isso definimos bem o conceito de história e seu desenvolvimento. Além disso, lembramos que para compreender um conceito, como o de santidade, devemos nos esforçar para inserir o estudo dentro de uma perspectiva histórica. Agora, iremos esclarecer que perspectiva seria essa. Evidente que já está claro que nosso objetivo é analisar as biografias como portas para a compreensão da santidade, por isso, investiremos atenção, agora, ao conceito de biografia e sua relevância para o entendimento de santidade.

Ou seja, a biografia como “instrumentalidade educativa” (CARINO, 1999, pp. 154).

Neste sentido, sabemos que as biografias tem um incrível poder de ensino, de exemplo. A história humana é, na verdade, uma soma que pequenas, individuais e singulares histórias que marcam as gerações e os processos históricos e sociais da humanidade. Elas se apresentam como um sucesso na história da humanidade.

Quanto ao sucesso das narrativas de vida, é inegável, posto que se mantêm em evidência há mais de 2.000 anos. Desde os tempos do neoplatônico Damaskios, no século V a.C., a quem se atribui a cunhagem da palavra biografia (de bios, vida e gráphein, escrever, descrever, desenhar), a narrativa de trajetórias individuais permanece em destaque, suscitando interesse, quaisquer que sejam sua forma ou as intenções que motivam sua elaboração. (CARINO, 1999, pp. 154).

Na construção da ordem histórica da biografia, Carino (1999), destaca o desenvolvimento do processo histórico das biografias, citando Dilthey (1945, p. 317), como importante conhecimento sobre o crescimento deste gênero.

O conhecimento da natureza e o valor da individualidade foram se desenrolando pouco a pouco na humanidade europeia. Sócrates é o

primeiro a tomar consciência do processo moral dentro de si mesmo, o que torna possível o desenvolvimento da pessoa unitária. O “conhece-te a ti mesmo” orienta-se, em primeiro lugar, ao uniforme da natureza humana, porém, desta, que nele oferecia validade universal e que elevou à luz do saber, teria de separar-se o poderoso, o insondável, que designava como “demônio”, e que, sem dúvida, pertencia à profundidade da subjetividade. A partir de então, Sócrates converteu-se, para seus discípulos, para os estóicos, Montaigne, etc., no tipo da reversão do pensamento às profundidades da pessoa. (CARINO 1999, apud DILTHEY 1945, p. 317)

Aqui, temos um importante destaque no processo de desenvolvimento do gênero biográfico: a individualidade. A característica do sujeito histórico e suas particularidades. Sua personalidade e seu contexto histórico especial. A singularidade do indivíduo e toda sua história deve ser levada em consideração para o desenvolvimento do entendimento sobre um fato, sobre uma história, sobre um processo. A história de um indivíduo é um recorte espacial que não precisa ser desconsiderado no entendimento de um conceito ou de um processo histórico. Uma vez que criar uma biografia é gerar uma história única, original e sem precedentes. É destacar uma importante unidade que se destaca nos processos sociais e, portanto, histórico. Uma certa dose de “singularidade” acentuada. Isso, para um fim especial, um

objetivo com finalidades precisas, que aqui nos interessa bastante:

Não se biografava em vão. Biografava-se com finalidades precisas: exaltar, criticar, demolir, descobrir, renegar, apologizar, reabilitar, santificar, dessacralizar. Tais finalidades e intenções fazem com que retratar vidas, experiências singulares, trajetórias individuais transforme-se, intencionalmente ou não, numa pedagogia do exemplo. A força educativa de um relato biográfico é inegável. (CARINO, 1999, p. 154, grifo nosso).

Biografar é escrever um relato essencial para somar ao processo histórico. Além de relatar uma vida “exemplar”, o que garante uma nova leitura da análise, possibilita, também, uma leitura maior de todo o processo estudado. A pedagogia do exemplo, aqui compreendida, é a aceitação de que grandes líderes públicos tiveram uma vida exemplar, uma prática social que se torna pertinente para a compreensão do conceito de santidade. Sem juízo de valor prévio, cabe-nos a análise da vida, da obra e da prática social (portanto histórica) que nos interessa à definição de santidade como ferramenta de relevância pública.

2.2 A SANTIDADE NA HISTÓRIA E A RELEVÂNCIA DA “PRÁTICA SOCIAL SANTA”

Após uma conceituação da história como fundamento para compreendermos a história como processo de prática social,

de entendimento da sociedade, podemos afirmar que a biografia de grandes líderes – cristãos – se torna essencial para aprendermos o desenvolvimento da santificação em seu âmbito social-histórico.

A santificação em questão é abrangente. Sendo inserida apenas no contexto cristão não significa dizer que é simples. Ela está presente na História do pensamento cristão e, evidentemente, nas Escrituras Sagradas, o que já lhe traz uma abrangência significativa. Ou seja, temos toda a herança judaico-cristã, os processos teológicos desenvolvidos na história e, como dito, as análises escriturísticas diversas. Assim, devemos contextualizar, ainda, o que queremos dizer como *santidade* e seu processo social e histórico.

Até aqui já deve ter ficado relativamente claro que queremos definir este processo de santidade como uma capacidade de crescimento pessoal (uma esfera individual) e uma relevância externa (uma esfera social). Tendo em vista que a santificação será sempre inserida, obviamente, no crescimento da *perfeição* pessoal, se “elevar”, se tornar parecido com Cristo e fazer a vontade de Deus, estas esferas se cruzam, promovendo uma integralidade no crescimento pessoal da santificação e na atuação que se tem diante dos outros. Em Mateus 5, Jesus apresenta as chamadas *Bem-aventuranças* e, em seguida, uma mensagem caracterizada pelo “*Eu porém vos digo*”. Nestas admoestações parece ficar claro uma exortação a uma nova postura de vida que flui do interior para o exterior. Concluindo com uma chamada a perfeição.

Ouvistes que foi dito: Amarás ao teu próximo, e odiarás ao teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai aos vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos céus; porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos. Pois, se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis demais? não fazem os gentios também o mesmo? Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celestial. (Mateus 5:43-48)

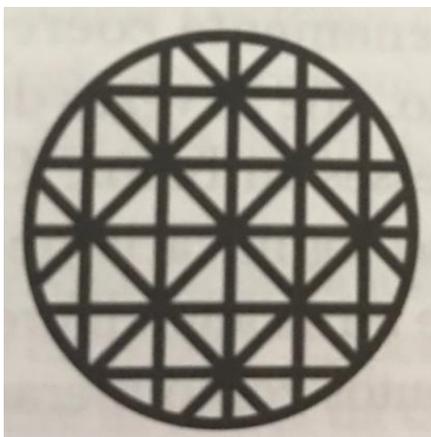
Essa afirmação de Jesus acerca da santidade promove a convicção de que a santidade no conceito bíblico é uma relação de *aprimoramento* pessoal para uma prática abençoadora, para uma ação de amor e de justiça. Neste conceito bíblico, evidentemente, não se pode deixar de lado a percepção sócio histórica, ou seja, este conceito bíblico do qual falamos está inserido em uma dimensão histórica e também delineada em uma perspectiva *sistematizada* (A importância da Teologia Sistemática após a Reforma Protestante no processo é fundamental³) da teologia reformada. Isto é, o desafio é a definição da santidade em termos bíblico-reformado e historicamente localizado, inserido no contexto do Antigo

³ Destacamos o trabalho de João Calvino no período da reforma. O trabalho inovador das Institutas da Religião Cristã como uma fundamentação inicial do que seria a Teologia Sistemática Reformada. Segundo Alister McGrath na obra Teologia – sistemática, histórica e filosófica.

Testamento, do Novo Testamento e em dimensões especiais da história do pensamento cristão.

2.2.1 SANTIDADE NO PENSAMENTO CRISTÃO - UM RECORTE CONCEITUAL

Deus, como definição e essência, não está em questão aqui. Nosso objetivo não é uma definição de Deus enquanto Ser, mas, destacar que Sua santidade faz parte de todo uma "constituição" de unidade de Seu Ser, sendo a santidade uma de Suas características. Na imagem de Grudem (1999) abaixo, podemos perceber linhas que são caracterizadas como atributos de Deus, todas em sintonia e em total unidade. Uma delas seria a santidade.



Muito se pode dizer acerca da essência divina de unidade, para nós, entretanto, apenas lembrar e reafirmar que a

santidade “compõe” a unidade de Deus basta. Porém, ainda inserido na definição de santidade dentro do contexto divino e no âmbito da sistematização da teologia reformada cristã, é fundamental analisar a fundo o que significa dizer que Deus é santo. Para isso, usaremos conceitos de Grudem (1999). Segundo ele,

Dizer que Deus tem como atributo a santidade é dizer que ele é separado do pecado e dedica-se a buscar sua própria honra. Essa definição contém ao mesmo tempo uma qualidade relacional (separação de) e uma qualidade moral (a separação é do pecado ou do mal, e a dedicação é em prol da própria honra ou glória de Deus). A ideia de santidade, abarcando tanto a separação do mal quanto a dedicação de Deus à sua própria glória, encontra-se em várias passagens do Antigo Testamento. A palavra santo é usada para descrever as duas partes do tabernáculo, por exemplo. O próprio tabernáculo era um local separado do mal e do pecado do mundo, e o primeiro recinto dele chamava-se ‘Santo Lugar’ (GRUDEM, 1999, pp 148, grifo nosso).

O lugar que habitação é uma ênfase à santidade. “Quem subirá ao monte do Senhor? Quem há de permanecer no seu santo lugar?” (Sl 24:3). Também temos o destaque do sábado como um dia sagrado, ou *separado* para um propósito específico. No caso, “...o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou”,

segundo Grudem, “(ou “o consagrou”; o verbo é uma forma fiel de *qadash* e significa “santificar”; Êx 20:11; cf. Gn 2:3)”.

A santidade de Deus é também apresentada como algo temível; terrível. O Senhor é Aquele que queima como “fogo consumidor”. Há uma apresentação do pecado como algo intolerável, que não terá perdão na consumação dos séculos.

Os povos serão queimados como se faz com cal; como espinheiros cortados, serão postos no fogo. Vocês que estão longe, atentem para o que eu fiz! Vocês, que estão perto, reconheçam meu poder! Em Sião, os pecadores estão aterrorizados; o tremor se apodera dos ímpios: ‘Quem de nós pode conviver com o fogo consumidor? Quem de nós pode conviver com a chama eterna?’ (Isaías 33:12-14).

Outro destaque importante para a compreensão da santidade de Deus é o parâmetro de santidade que deve haver segundo as ordens de Deus. Como dito, há uma exemplo a ser seguido. “A santidade de Deus traça o parâmetro que seu povo deve imitar. Ele ordena: “Santos sereis, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo” (Lv 19:2; 11:44-45; 20:26; 1Pe 1:16) (GRUDEM, 1999, pp 148).

Os crentes da nova aliança também devem seguir “a paz com todos e a santificação sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12:14) e saber que a disciplina de Deus vem para que sejamos

“participantes da sua santidade” (Hb 12:10). Paulo encoraja os cristãos a apartar-se da influência dominadora que vem da íntima associação com os incrédulos do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus” (2 Co 7:1; cf Rm 12:1). Deus quer que a própria igreja cresça “para santuário dedicado ao Senhor” (Ef 2:21), e Cristo busca hoje santificá-la “para a apresentar a si mesmo como igreja gloriosa [...] santa e sem defeito” (Ef 5:26-27). Não só as pessoas individualmente, mas também a igreja precisa crescer em santidade. (GRUDEM, 1999, pp. 148)

A noção de que a santidade deve ser seguida como um exemplo é uma narrativa recorrente nos textos da Escritura Sagrada. O ensino de que é necessário olhar para Deus, para Jesus e para os Apóstolos como um exemplo de santidade está presente no Antigo Testamento e no Novo Testamento. “Diga o seguinte a toda a comunidade de Israel: Sejam santos porque eu, o Senhor, o Deus de vocês, sou santo” (Levítico 19:2). “Mas, assim como é santo aquele que os chamou, sejam santos vocês também em tudo o que fizerem” (1 Pedro 1:15).

Ainda no processo de estabelecimento de diretrizes sobre a santidade no contexto estudado, devemos enfatizar, portanto, que Deus é santo pois está “acima e além” de toda a criação. Ele é incomparável. É o “totalmente outro”, como destaca Martinho Lutero na tradição da igreja e outros pensadores, como

o alemão Rudolf Otto.⁴ Nada é como Ele. “A quem, pois, fareis semelhante a Deus, ou com que o comparareis?” (Isaías 40:18). “O SENHOR é Deus; nenhum outro há senão Ele” (Deuteronômio 4:35,39; 1 Reis 8:60; Isaías 45:5,6,14,18,21,22; 46:9; Joel 2:27).

Já o Cristo é o “Santo de Deus”, como lemos: “Justamente naquela hora, na Sinagoga, um homem possesso de um espírito imundo gritou: o que queres conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos destruir? Sei quem tu és: o Santo de Deus” (Marcos 1:23-24). Em João 6:69, lemos: “Nós cremos e sabemos que é o Santo de Deus”. A santidade de Jesus é destacada em diversas passagens, porém, há um destaque que deve ser dado nas seguintes passagens apresentadas no quadrante abaixo:

“Para isso vocês foram chamados, pois também Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando-lhes exemplo, para que sigam os seus passos. Ele não cometeu pecado algum, e nenhum engano foi encontrado em sua boca” (1 Pedro 2:21-22).

“Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus. (2 Coríntios 5:21)

“[...]passou por todo tipo de tentação, pôem sem pecado” (Hebreus 4:15)

“Vocês sabem que ele se manifestou para tirar os nossos pecados, e nele não há pecado”. (1 João 3:5)

⁴ Para aprofundamento sobre esta questão: *O Sagrado*.

“No dia seguinte João viu Jesus aproximando-se e disse: ‘Vejam! É o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!’ Quando viu Jesus passando, disse: ‘Vejam! É o Cordeiro de Deus!’ (João 1:29,36)

Em nosso objetivo de definir o processo de desenvolvimento social e histórico da santidade, não podemos deixar de lado os aspectos estabelecidos na teologia reformada da *santificação*. Aqui, utilizaremos as definições de Grudem, conforme já citado (1999).

Existem alguns pontos essenciais no entendimento da santificação por Grudem. A tabela⁵ abaixo destaca uma diferença entre a *Justificação* e a *santificação*.

Justificação	Santificação
Posição legal	Condição interna
De uma vez por todas	Continua por toda a vida
Obra inteiramente de Deus	Nós cooperamos
Perfeita nesta vida	Não perfeita nesta vida
A mesma em todos os cristãos	Maior em alguns do que em outros

A principal característica destacada é a certeza de que a santificação é contínua em nossa vida. Um processo de crescimento que se finda apenas na morte. Tendo, inclusive,

⁵ GRUDEM (1999, pp 622).

estágios. Para Grudem, três estágios são vividos na santificação. Primeiro ela tem um **começo definitivo**. A partir do novo nascimento (1 Jo 3:9), a mudança da regeneração se inicia. Esta mudança inicial seria moral, promovendo uma forte ruptura com o poder preponderante do pecado. “Assim também vós *considerai-vos mortos para o pecado*, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus [...] Porque *o pecado não terá domínio sobre vós*” (Rm 6:11, 14). Segundo ela **aumenta por toda a vida**, ou seja, há um imperativo para que, assim como nos entregávamos para o pecado, devemos oferecer os nossos membros para servirem a justiça, para a santificação (Rm 6:19). “Paulo diz que por toda a vida cristã “*todos nós [...] somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem*” (2 Cor 3:18). Gradualmente nos tornamos cada vez mais semelhantes a Cristo, conforma avançamos na vida cristã”. Conforme destaca o autor de Hebreus, “*seguir a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor*” (Hb 12:14). Em terceiro lugar, **a santificação se completará na morte (em nossa alma) e quando o Senhor retornar (em nosso corpo)**. Aqui, o destaque é que o pecado ainda permanece em nosso coração, mesmo quando nos tornamos cristãos (Rm 6:12-13). Chegaremos um dia “aos espíritos dos justos *aperfeiçoados*” (Hb 12:23). Teremos nosso corpo de humilhação transformado, “para ser igual ao corpo da sua glória” (Fp 3:21). Essa percepção é melhor apresentada na figura abaixo (GRUDEM, 1999, pp 623-624).

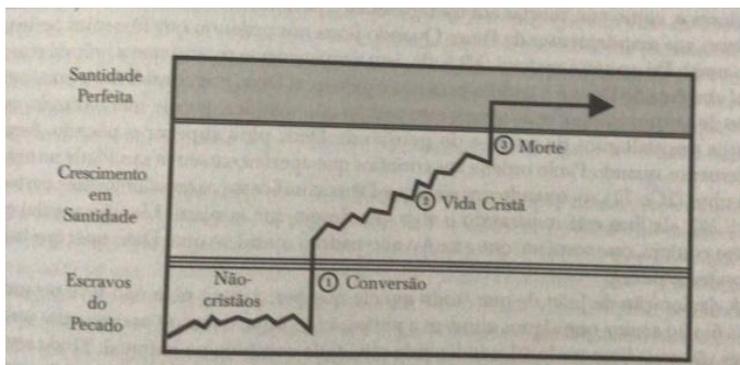


Tabela do desenvolvimento da Santidade (GRUDEM, 1999).

3. UM EXEMPLO BIAGRÁFICO: A BREVE HISTÓRIA DE BONHOEFFER

Apesar do pouco tempo de vida, Dietrich Bonhoeffer deixou um legado teológico impressionante, com um forte posicionamento político contrário ao movimento totalitarista e antidemocrático. Responsável por uma grande obra sobre ética e sobre como devemos promover a justiça em nossa sociedade, chegou a ser morto por ordem direta de Hitler, sendo um grande mártir para a humanidade.

Dietrich Bonhoeffer nasceu em 4 de fevereiro de 1906, em Breslau na Alemanha. Estudou Teologia em Tübingen, em Berlim e nos EUA. Após um período de muito trabalho, perseguição e resistência ao Movimento do Nazismo, ele foi preso em 5 abril de 1943 e executado em 9 de abril de 1945.

Dietrich Bonhoeffer foi um pastor luterano, um professor universitário em teologia, um pioneiro do movimento ecumênico, um escritor, poeta e uma figura central na luta contra o regime

nazista. Sua família era o que podemos chamar de privilegiada. Seu pai Karl Bonhoeffer, foi um dos mais importantes psiquiatras da Alemanha. Já sua mãe, Paula Bonhoeffer, era uma condessa. Ele tinha 7 irmãos, sendo uma gêmea, chamada Sabine, com a qual teve um ótimo relacionamento.

Desde jovem, por volta dos 13 ou 14 anos, Bonhoeffer declarava para sua família que desejava ser um ministro da Igreja. Brincava de batizar em seu quintal, visitou Roma e Espanha em processos de crescimento de sua fé e seu gosto pela teologia.

Formou-se em Teologia em Berlim, em 1927 e iniciou seu trabalho em uma igreja alemã em Barcelona, em 1928. Em 1930 foi estudar teologia em Nova York, no Union Theological Seminary. Em 1931 iniciou seu trabalho na Faculdade de Teologia de Berlim, onde foi ordenado pastor.

3.1 FORMAÇÃO E CRESCIMENTO RELEVANTE

Sua carreira começa na universidade de Tubingen, onde estudou com o historiador da igreja Adolf Von Harnack, que o considerava um futuro historiador da igreja importante. Entretanto, ele decidiu concentrar seus estudos em dogmática, associando seus estudos de Cristologia com Igreja. Sua dissertação, *The Communion of Saints (A comunhão dos santos)*, foi completada em 1927, quando ele tinha apenas 21 anos. Karl Barth, que terá grande influência sobre ele e depositaria em Bonhoeffer uma confiança em ouvi-lo e replicá-lo sobre como tratar o Nazismo, o celebrou com um “milagre teológico”. Bonhoeffer, de volta à Alemanha, publicou uma segunda

dissertação, com o título de “Ser e Agir”, em 1931, com ênfase no “agir” e no “ser” que Deus e Cristo se apresentam em sua igreja.

A experiência de Bonhoeffer nos EUA, participando de comunidades negras no Harlem e seu contato com o professor Reinhold Niebuhr, com seu amigo Paul Lehmann, com outro amigo, o reverendo Frank Fisher e com o pacifista francês Jean Lasserre, tendenciaram sua teologia para uma participação pública, ética e relevante socialmente. Lá ele presenciou, além de grande pobreza, o horror do racismo. Não é à toa que a produção de Bonhoeffer está fortemente ligada ao comportamento, à ética, ao discipulado e à vida cristã integral. Uma das mudanças significativas que ocorreu em sua vida tem uma relação direta com a preocupação que ele tinha de cumprir, de viver o Sermão do Monte.

Após seu retorno para a Alemanha, inicia-se um grande processo de crescimento pessoal como professor de teologia. Algumas palestras ganham destaque e são publicadas como livros. Um deles é a “Natureza da Igreja”, no qual Dietrich afirma que a igreja ficou à deriva, não deveria ficar do lado dos privilegiados, mas, tinha que ter coragem de incomodar, de alterar a idolatria secular. Outros trabalhos, como “Cristo, o centro”, ele incomoda os alunos para que fizessem perguntas que promovam a fé no ambiente em que estão, como Quem é Jesus, no mundo de 1933? Onde Ele pode ser achado? Para ele, o Cristo de 1933 era o judeu perseguido e o dissidente na luta da igreja. Como se pode ver, mesmo no auge do crescimento do *reich* de

Hitler, Bonhoeffer insistia em promover o pensamento cristão e expor um cristianismo contrário aos ideais nazistas.

É aqui que Bonhoeffer começa seu alinhamento com o movimento ecumênico, sendo eleito, em 1931, secretário juvenil da União Mundial para a colaboração entre as igrejas. Em 1933, passa a fazer parte do Conselho Cristão Universal (Life and Work). Célula do Conselho Ecumênico de Igrejas.

Neste momento temos o crescimento da Ideologia totalitarista Nacional-Socialista, o Nazismo, na Alemanha. Em 30 de janeiro de 1933, Hitler tem forte poder na nação, se tornando Chanceler, e grande parte da igreja romana e também protestante se alinha aos pressupostos políticos nazistas. O grupo chamado “Cristãos-alemães” torna-se porta voz da relação entre o nazismo e a fé cristã (dica de livro: A cruz de Hitler; editora vida, Erwin Lutzer- se eu te emprestei, me devolva por favor hehehe). O que mais dividiu a igreja e despertou a polêmica envolvendo a fé e o nazismo foi o “parágrafo ariano”, no chamado “sínodo marrom” (chamado assim porque muitos já utilizavam os uniformes nazistas marrons) segundo o qual os não arianos não poderiam ser ministros na igreja e que os judeus não se tornariam arianos nem mesmo com o batismo. (Na verdade, a partir daí, temos igrejas que utilizam a suásticas em seus paramentos litúrgicos).

A participação de Bonhoeffer na luta contra o nazismo foi implacável. Em seu livro ÉTICA, ele chegou a afirmar que a igreja deveria ter gritado contra o nazismo, mas, ficou em silêncio. Bonhoeffer, porém, não desistiu de lutar contra o erro teológico e

político no qual a Igreja Alemã estava caindo. Mesmo em Londres, depois de recusar um posto de pastor em Berlim como protesto em favor do povo judeu, não parou de escrever e de informar ao mundo, mediante o movimento ecumênico internacional o perigo do nazismo.

3.2 A IGREJA CONFESSANTE E OS ANOS DIFÍCEIS

Diante de um cenário de incertezas e de um pequeno apoio dos cristãos protestantes, os líderes ortodoxos que não apoiavam no nazismo iniciaram uma mobilização maior. Em 1934, nascia a chamada Igreja Confessante. Esta igreja adotou a Declaração de Barmen, oriunda do sínodo de mesmo nome, ocorrido em 29 e 31 de maio de 1934. A declaração deixava claro que não era possível ser cristão e apoiar Hitler. “Nós repudiamos o falso ensino de que há áreas em nossa vida que não pertencem a Jesus Cristo, mas a outros senhores...”

Bonhoeffer passou a dirigir seminários clandestinos para formação de líderes. Os primeiros a participarem eram jovens. Primeiro o grupo se estabeleceu em Zingst, depois em Finkenwalde. Nestes seminários, a organização e a estrutura dos dias eram sistematizadas por Bonhoeffer. O dia era composto por orações, meditação, leituras bíblicas, serviços diversos e, com grande destaque, as suas palestras. Estas palestras eram, em grande medida, sobre discipulado. Delas temos o maravilhoso e indispensável livro “O Discipulado”. É neste livro que Bonhoeffer denuncia os cristãos por buscarem a “graça barata”, uma barganha com Deus.

Os seminários foram importantes para a formação da luta contra o que acontecia na Alemanha, entretanto, em Agosto de 1937, Himmler, líder da polícia secreta do Estado (Gestapo) declarou ilegal qualquer atividade de formação de candidatos para a Igreja Confessante. Ele continuou na clandestinidade, entretanto, em janeiro de 1938, a Gestapo o banuiu de Berlim e em 1940 ele foi proibido de falar em público.

Bonhoeffer se sentiu sozinho e sem poder de influência na Igreja Confessante e no movimento ecumênico, chegando renunciar o cargo de secretário da Aliança Mundial. Ainda em 1938, durante o Sexto Sínodo da Igreja Confessante, o Dr. Friedrich Werner, comissário do governo, responsável pela igreja na Prússia, ameaçou expulsar qualquer pastor que se recusasse a fazer o juramento de lealdade civil a Hitler. Entretanto, a igreja não lutou pela sua liberdade e jogou a decisão para cada pastor individualmente, assim a Gestapo poderia identificar cada um e limitar sua oposição. Bonhoeffer também se entristeceu quando soube da noite dos cristais - em 9 de novembro de 1938 - e da falta de ação da igreja em condenar o episódio. Questionava ele, "Será que a Igreja Confessante nunca irá aprender que, em questões de consciência, a decisão majoritária mata o espírito?"

Neste momento, Bonhoeffer foi para os EUA, fugiu da perseguição e da repressão para uma série de palestras a convite de seu amigo Paul Lehmann e do seu antigo professor Reinhold Niebuhr. Porém, com a declaração Godesberg, de 4 de Abril de 1939, que obrigava os pastores a devotarem-se ao trabalho político por Hitler, Bonhoeffer afirmou: "Cometi um engano ao vir para a América", ele escreveu para Reinhold Niebuhr. "Eu tenho

que viver este período da história nacional com os cristãos da Alemanha. Eu não terei direito de participar da reconstrução da vida cristã na Alemanha depois da guerra, se não compartilhar das aflições deste tempo com o meu povo”.

3.3 ESPIONAGEM, CONSPIRAÇÕES E MORTE

A essa altura, Bonhoeffer já estava praticamente proibido de manifestar suas opiniões, de pregar ou de publicar qualquer coisa na Alemanha. Ele deveria apresentar uma versão de seus escritos antes de tentar distribuir cada um deles. Ele também deveria se apresentar à polícia regularmente.

É aqui que ele inicia sua participação em conspirações e em espionagem, na tentativa de derrubar o governo de Hitler. Hans von Dohnanyi e o coronel Hans Oster o selecionaram para trabalhos específicos na Suíça. O contato de Bonhoeffer com as agências ecumênicas facilitaram o processo. Foi nesta época que ele escreveu o livro *Ética* – uma obra que seria publicada postumamente por Eberhard Bethge. Na verdade, os textos eram os últimos quatro fragmentos dos métodos de construção da ética cristã em meio à crise nacional da Alemanha.

A sua atividade para ajudar um grupo de judeus a fugir da **Alemanha** levou à sua prisão em abril de 1943. A operação 7, como ficou conhecida, atraiu a atenção da Gestapo. Outro motivo que chamou a atenção, foram três tentativas de matar Hitler. Assim, ele foi preso na prisão militar de Tegel, em Berlim.

Durante os dois anos de prisão que precederam a sua morte, Bonhoeffer escreveu várias cartas e poemas que hoje são considerados clássicos cristãos. Mas cartas, ele reflete sobre a apatia da igreja contra Hitler, sobre o significado da fé e sobre o significado de Cristo hoje. Nas cartas ao amigo **Eberhard Bethge**, por exemplo, **Bonhoeffer** explorou o significado da fé cristã em um "mundo que se tornou adulto", perguntando-se: "Quem é **Cristo** para nós hoje?".

Bonhoeffer escreveu, também, à sua noiva, Maria von Wedemeyer. Inicialmente, a família dela foi contra a um compromisso, tendo em vista a diferença de idade – ela estava com 18 anos e ele com 37. Ele também estava envolvido em ações secretas que poderiam ser perigosas para ela. Mas após sua prisão, eles anunciaram o noivado publicamente como uma forma de apoio a ele. As visitas de Maria a Bonhoeffer tornaram-se o principal sustento dele durante os primeiros dias sombrios do seu encarceramento.

Em fevereiro de 1945, ele foi enviado ao campo de Buchenwald. Maria tentava a todo custo ver Bonhoeffer novamente caminhando por vários campos de concentração. No dia 3 de abril, Bonhoeffer e outros presos foram colocados em um vagão de trem e levados para serem exterminados no campo de Flossenbürg.

Em 08 de abril, eles fizeram uma pausa na Bavária, e Bonhoeffer conduziu um culto, a pedido dos prisioneiros. Ele meditou em Isaías. Em seguida, após relatos, dois homens entraram na escola em que eles estavam juntos e pediram que

fossem seguidos. Puxando Best, um amigo e prisioneiro importante em sua história, ele falou as últimas palavras, uma mensagem para seu amigo inglês, o Bispo Bell: “Este é o fim – mas para mim, o início da vida”.

Bem cedo, na manhã de 9 de abril, Bonhoeffer, Wilhelm Canaris, Hans Oster, e mais quatro outros conspiradores foram enforcados no campo de extermínio de Flossenbürg. Há relato de um médico que afirma que ele se ajoelhou e orou antes de ser levado à forca.

Na biografia *“Bonhoeffer, pastor, Mártir, profeta, espião”*, Eric Metaxas, compartilha a seguinte frase de Bonhoeffer: “Se a nossa fé não a transformar, a morte é o inferno, é a noite e o frio. Mas justamente isto que é maravilhoso, o fato de podermos transformar a morte”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As biografias têm um poder de nos ensinar muito acerca do contexto histórico que queremos aprender e sobre conceitos específicos que desejamos assimilar ao longo da história da humanidade. Analisar a vida de um indivíduo, ou de vários, em um processo historiográfico é, na verdade, essencial para a assimilação integral do objeto de estudo. A História científica que desconsidera este processo falhava em deixar de lado a *micro-história* nos estudos. Com o conceito de santidade no pensamento cristão não seria diferente. Devemos, para compreender, analisar os processos de desenvolvimento e formação do conceito na vida de grandes líderes e grandes

personagens bíblicos e históricos. Esse conceito também deve ser analisado dentro do conceito histórico de cada um, assim, teremos um melhor entendimento do mesmo.

Convém também afirmar que é importante, não apenas a análise da vida dos personagens em um conceito biográfico, mas, o que cada um afirmava ser a santidade, sendo isso possível, claro. Ou seja, se o indivíduo em questão analisou o conceito que desejamos compreender, não podemos deixar de lado sua própria análise. No caso de Bonhoeffer, autor usado como exemplo em uma curta biografia, foi importante destacar não seu entendimento de santidade, mas, sua ética e posicionamento diante de um contexto histórico específico. Se pairou uma dúvida sobre por que não foi utilizado um autor ou personagem que trabalhasse diretamente a santidade, a resposta é a seguinte: santidade também é ação política, e isso, Bonhoeffer teve de sobra.

REFERÊNCIAS

BURKE, P (org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP 1992. (Biblioteca Básica).

CARINO, J. A biografia e sua instrumentalidade educativa. **Educação & Sociedade**, ano XX, nº 67, ago/1999.

COSTA, E. V. da. Crítica bibliográfica o que é a história: considerações a propósito de uma obra de E. H. Carr. **Revista de História**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, v. 27, n. 56, 1961. 154 p. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/122633>
Acesso em: 03mar.2021

CUMARU, L. O legado: para a Igreja no Brasil. **Sociedade Internacional Dietrich Bonhoeffer**. Seção língua portuguesa Brasil. Disponível em: <http://www.sociedadebonhoeffer.org.br/olegado.htm> Acesso em: 12 mar. 2021

DIETRICH Bonhoeffer, 04-02-1906 – 09-04-1945: uma biografia. Instituto Humanitas Unisinos. abr. 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/541537-dietrich-bonhoeffer-uma-biografia> Acesso em: 12 mar. 2021.

KOSELLECK, R., Espaço de experiência e horizonte de expectativas. In:_____. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUCRio, 2006. p. 311-337 [original: 1979].

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUCRio, 2006.

LE GOFF, J. História das mentalidades, uma história ambígua. In: _____; NORA, P. (org.). **História**: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

_____; NORA, P. (org.). **História**: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

NANNY; WINSTON. Dietrich Bonhoeffer: biografia de um herói de fé. **Textos Louco amor**. abr. 2011. Disponível em: <http://www.decoracaoacoracao.com.br/dietrich-bonhoeffer-biografia-de-um-heroi-da-fe/> Acesso em: 12 mar. 2021.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.